

Os ecos da repetição: um diálogo entre Kierkegaard e Freud

The echoes of repetition: a dialogue between Kierkegaard and Freud

Jean dos Santos Vargas
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Talita Leal Santos
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Resumo

Considerando a relação ainda pouco conhecida entre Søren Kierkegaard (1813-1855) e Sigmund Freud (1856-1859), o objetivo deste artigo é pensar o horizonte do conceito de repetição enquanto problema filosófico e psicanalítico. A hipótese a ser argumentada aqui é que o pensador dinamarquês e o pai da psicanálise, embora não tenham de fato travado uma interação, lançam mão de ferramentas conceituais importantes para a psicanálise. Mostraremos como as reflexões de Kierkegaard e Freud, ora se aproximam, ora se distanciam. O artigo contribui, nesse sentido, tanto para se pensar em uma possível aproximação conceitual entre Kierkegaard e Freud, quanto para abordar um pano de fundo que trata da relação entre filosofia e psicanálise, na medida em que perpassa as discussões de ambos sobre o lugar da repetição. O pressuposto desta aproximação é a conjectura sustentada aqui que Kierkegaard antecipa no século XIX uma temática que seria retomada pela teoria psicanalítica no século seguinte. Pensaremos a perspectiva kierkegaardiana com a sua obra: *A repetição*, ao passo que em Freud frequentaremos as obras: *Repetir, recordar e elaborar* (1914) e *Além do princípio do prazer* (1920).

Palavras-chave: Filosofia. Psicanálise. Psicologia. Repetição. Recordação.

Abstract

Considering the still little known relationship between Søren Kierkegaard (1813-1855) and Sigmund Freud (1856-1859), the aim of this article is to think about the horizon of the concept of repetition as a philosophical and psychoanalytic problem. The hypothesis to be argued here is that the Danish thinker and the father of psychoanalysis, while not actually having any interaction, made use of important conceptual tools for psychoanalysis. We will show how the reflections of Kierkegaard and Freud sometimes approach and sometimes they distance themselves. In this regard, the article contributes both to thinking about a possible conceptual approximation between Kierkegaard and Freud, and to approaching a background that deals with the relationship between philosophy and psychoanalysis, as it permeates the discussions of both about the place of repetition. The presupposition of this approximation is the conjecture sustained here that Kierkegaard anticipates in the 19th century a theme that would be taken up by psychoanalytic theory in the following century. We will think of the Kierkegaardian perspective with his work: *Repetition*, while in Freud we will frequent the works: *Repeating, remembering and Working-Through* (1914) and *Beyond the Pleasure Principle* (1920).

Keywords: Philosophy. Psychoanalysis. Psychology. Repetition. Recall.

Informações do artigo

Submetido em 30/06/2021
Aprovado em 26/07/2022
Publicado em 30/09/2022.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n2.p109-127>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

VARGAS, Jean dos Santos; SANTOS, Talita Leal Santos. Os ecos da repetição: um diálogo entre Kierkegaard e Freud. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 22, n. 2, p. 109-127, maio/ago. 2022.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua obra, Kierkegaard transita de diversos modos pelo que depois passou a ser considerado terreno da psicologia, ainda que sua cidadania filosófica e teológica tenha sido a marca principal. Antes mesmo da emergência da psicologia como campo de estudos no século XX, é possível notar o interesse de Kierkegaard por temas que posteriormente se consagrariam no campo da análise psicanalítica. Muito daquilo que emergiu como reflexão aos olhos do dinamarquês veio a ter ressonância no pensamento de Sigmund Freud, mesmo que não haja referências diretas ao autor dinamarquês.

Neste artigo, seguiremos os passos de tais ressonâncias, ainda que indiretas, a fim de percebermos proximidades e distâncias entre ambos. Nesse sentido, propomos aqui o recorte temático de um aspecto central, pouco investigados em ambos os autores, qual seja: a ideia de repetição.

A fim de cumprirmos tal objetivo, dispomos de uma análise pontual dos escritos de ambos os autores que tratam de forma direta e específica dos temas assinalados. As obras em questão que, de resto, serão objetos de nossas considerações são: *Repetir, recordar e elaborar* (1914) e *Além do princípio do Prazer* (1920), no caso de Freud, ao passo que no caso de Kierkegaard, nossa análise se volta para o texto assinado pelo pseudônimo Constantin Constantius, *A Repetição um ensaio de psicologia experimental* publicado no dia 16 de outubro de 1843.

2 HÁ PSICOLOGIA EM KIERKEGAARD? UMA ANÁLISE CONTEXTUAL

Antes de passarmos as considerações temáticas, cabe uma digressão histórica e contextual sobre a perspectiva que Kierkegaard nutria em torno do tema, uma vez que enquanto área de estudos, a psicologia se desenvolve com a pretensão científica em meados do século XX.

Ainda no século XIX, Kierkegaard publica em 17 de junho de 1844 o seu *Conceito de Angústia*, com o subtítulo de: uma simples reflexão psicológico demonstrativa direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário. De igual modo, em uma de suas obras considerada como sendo a mais bem escrita, produzida e publicada na fase final de sua atividade como escritor, volta a dar

lugar de destaque para a psicologia em seu subtítulo, embora o título faça uma referência teológica a uma passagem do evangelho de João. Referimo-nos à obra *Doença para a Morte* (conhecida em português como desespero humano), publicada em 30 de julho de 1849, com o subtítulo denominado: uma exposição psicológica cristã para a edificação e despertar.

Estas obras tratam de temáticas diferentes, mas ambas prometem, a partir de uma interseção entre teologia e filosofia, uma abordagem que também seja de natureza psicológica. Além disso, se considerarmos que nem tudo o que temos disponível para ler sobre Kierkegaard foi ele quem publicou, precisaremos verificar que após sua morte, muita coisa caiu nas mãos de editoras, como seus diários pessoais, obras inteiras que havia decidido não publicar, além de seus papéis, os quais são anotações soltas de temáticas variadas.

No século XIX, havia mais de uma corrente de pensamento que poderia ser chamada de psicologia. O termo psicologia possuía um lastro mais amplo do que no século XX, assim como uma palavra cara à psicologia: a palavra alma. O vocábulo alma diz respeito a um horizonte de sentido que situa o indivíduo com a sua dinâmica interior. Alma está em interseção com subjetividade, memória, lembrança, interioridade e existência. Conforme relata Franz Brentano em 1874:

Na linguagem moderna, compreendemos efetivamente por alma o substrato substancial de representações (...) nos habituamos a chamar de alma, por exemplo, o substrato substancial de uma sensação, de uma imagem, de uma lembrança, de uma esperança ou de um medo, de um desejo ou de uma repulsão. (BRENTANO, 1995, p. 5).

De igual modo, a palavra psicologia tinha muito mais a ver com uma economia do que se entendia por alma, do que propriamente com uma teoria do conhecimento, como o século XX passou a conceber. Psicologia no século XIX estaria mais próximo do que hoje chamamos de antropologia filosófica - na medida em que interroga sobre o que é o humano com suas vicissitudes e motivações -, do que propriamente de uma corrente epistêmica, como Edmund Husserl, por exemplo, a entende ao falar em psicologismo.

Da mesma forma, Hegel em sua *Enciclopédia* nos dá uma boa noção das funções da psicologia, tal como se interpreta no século XIX. Ele diz que a psicologia se ocupa dos modos gerais de atividades do espírito, com suas funções de intuir, recordar, representar. Se ocupa da vontade e dos desejos do

sujeito, ou seja, se ocupa das determinações naturais da alma e da subjetividade.

Com Brentano e com Hegel, podemos perceber que psicologia, na atmosfera filosófica do século XIX, é algo que diz respeito a uma análise da psique, no sentido *lato*. Falar de psicologia é falar sobre recordação, angústia e desespero, não de um ponto de vista meramente técnico, mas é fazê-lo com o objetivo de provocar movimentos existenciais, para o dizer com um eco kierkegaardiano. Neste caso, falar sobre psicologia é falar sobre aquilo que marca a condição humana. Ou seja, é falar sobre aquilo que diz respeito à interioridade do indivíduo.

No caso do subtítulo da obra “*A Repetição*”, Kierkegaard anuncia a aspiração do texto como um “ensaio em psicologia experimental”. Esta é a primeira obra em que Kierkegaard emprega tal termo. O termo psicologia experimental tem seu radical etimológico na expressão *experimenterende Psychologi* que poderia ser traduzida como “psicologia experimentante”. Seu uso por Kierkegaard não faz referência à psicologia enquanto metodologia e campo de estudos científicos, mas a toma como forma de sinalizar que a repetição está ligada à existência do indivíduo e pode assumir várias facetas.

Kresten Nordentoft argumenta que muitos dos conceitos que posteriormente se tornariam importantes para a psicologia enquanto campo de estudos, já estavam de alguma forma contemplados ou sinalizados no pensamento kierkegaardiano. Segundo o autor, ainda que a influência de Kierkegaard seja difícil de ser mensurada ou devidamente referendada, questões como autonomia, subjetividade, negatividade, consciência, desespero e angústia viriam a ser algumas das interrogações do campo psicológico enquanto disciplina científica. (NORDENFORT, 1978, p. 55).

O caráter experimental do texto está contido no enredo que coloca à *l'épreuve* matizes diversas da repetição vividas pelos personagens de Constantin Constantius, um jovem apaixonado e Jó. O caráter de “experimento psicológico” remete ainda à disposição de um teatro de subjetividades dispostas ao leitor. Os personagens são apresentados como atores que desempenham um papel curioso, das suas próprias vidas.

Kierkegaard lança mão de Constantin Constantius como voz narrativa principal e autoral do texto. Figura esteta e irônica, marcada por debruçar-se de

forma idealista sobre problemas da metafísica que lhe são de interesse, Constantin se apresenta como um observador distante da realidade, estabelecendo com o jovem uma relação maiêutica, ou seja, que objetiva fazer com que a verdade interior venha à tona. A referência desta relação é indiscutivelmente de ordem socrática. Tendo a verdade adormecida no interior de si mesmo, o ser humano precisaria que esta viesse à tona. Como uma parteira que auxilia no nascimento, a relação maiêutica pressupõe que uma verdade já existente, - mas ainda interior, embrionária -, seja expelida. Como reitera Climacus, pseudônimo autor de *Migalhas Filosóficas* (1846), seria este o ponto mais alto do humano, a saber, “dar à luz” a verdade interior que até então estaria adormecida.

O nome do pseudônimo, autor de *A Repetição*, já é por si mesmo espirituoso, pois traz a ideia de repetição como constância, uma armadilha. Ora, a constância, ainda que seja uma compreensão intuitiva do termo, aponta para uma não repetição. A repetição como constância enfatiza tão somente um evento sem movimento, tomada por parte daquele que anseia repetir. Mas a questão é muito maior que esta.

Enquanto movimento, a repetição seria capaz de acumular uma certa força que permitiria, em dado momento, um rearranjo do sentido da experiência singular até então desconhecido para o indivíduo. A acentuação da repetição ganha então uma acepção ativa daquele que avança em direção a algo e dele se apropria. O sentido de apropriação está ligado a uma capacidade de desenvolvimento e mobilidade do ser humano no interior de si mesmo e em relação ao tempo.

A repetição é, portanto, um movimento existencial que vai de encontro ao tempo e possibilita uma experiência específica da temporalidade e da existência. Por isso mesmo, a ideia de repetição em Kierkegaard está muito mais próxima ao que passou a ser chamado posteriormente de psicanálise, em uma de suas versões, do que propriamente uma ontologia do movimento. Pois se trata de perceber o movimento (ou a ausência dele) no espaço interior do sujeito. Trata-se, portanto, de refletir sobre o sentido daquilo que Kierkegaard queria dizer quando falava em psicologia.

3 FREUD: “REPETIR, RECORDAR E ELABORAR”

Para introduzirmos o paralelo com Freud, é preciso observar que seus textos, publicados no intervalo entre 1914 e 1920, fazem parte do extenso acervo de textos derivados de seus atendimentos clínicos e palestras. É por meio da investigação experimental e teórica que Freud contribui para construção da psicanálise como um campo de estudos voltado à compreensão das estruturas determinantes do aparelho psíquico bem como seus ordenamentos.

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud busca desenvolver conceitos e aparatos técnicos àqueles que estudam o campo da psicanálise. Como desenvolve ao longo do ensaio, a terapia psicanalítica apresentaria uma forma diferente da prática psicológica concernente à repetição. Freud busca compreender a partir deste prisma quais as relações existentes entre a compulsão da repetição, a transferência e a resistência.

Escrito entre 1919 e 1920, o texto *Além do princípio do Prazer* versa sobre como o aparelho psíquico pode estabelecer diferentes associações com o prazer e o desprazer, orientado ora pelo princípio do prazer, ora pelo princípio de realidade. Neste texto vemos assinalada que a força da compulsão à repetição se relaciona com o objeto reprimido de modo a reproduzi-lo de forma consciente ou não.

Dito isto, passemos a um mapeamento de como Freud trata o tema da repetição em seus escritos. Em *Recordar, repetir e elaborar* encontramos o fruto dos resultados da aplicação de dois diferentes tratamentos experienciados no trabalho clínico (a hipnose e a clínica analítica). Neste escrito, a repetição aparece como movimento de vetor contrário àquele da recordação e associado a outros três conceitos, sendo estes: transferência, resistência e atuação.

Freud ressalta que o método hipnótico e da catarse, tão empregados por uma psicologia clínica inicial, tinha por objetivo trazer à tona, por meio de um certo manipular, aquilo que se encontrava nas profundezas do subconsciente. O paciente, induzido pelo método hipnótico, reportava-se a uma situação anterior e descrevia os processos mentais numa espécie de representação daquilo que foi recalado. O vínculo da hipnose com a recordação estaria, deste modo, postulado na medida em que a causa do transtorno vem à tona mediante o acesso ao que outrora estava sublimado, esquecido, recalado.

Muitas vezes a volta ao recordado, ao reminescente, se dava mediante a sugestão do hipnotizador, como uma função de ligação semiautomática, na qual o paciente obedece passivamente aos comandos. O resultado clínico resultante do método hipnótico era que muitas vezes os sintomas eram momentaneamente aliviados, mas retornavam após certo tempo. (FREUD, 1969, p.194).

Segundo Freud, não haveria neste método o processo de *elaboração* no qual o paciente assume e dá forma ao objeto que, outrora, se encontrava recalçado, às margens do consciente. Este seria um passo fundamental para que o entrave causado pelo trauma seja revertido e a repetição interrompida.

Contraposta ao processo hipnótico, a metodologia psicoterapêutica teria uma forma distinta de lidar com a ascendência do esquecido à superfície. Freud aponta que nos termos e parâmetros da psicoterapia, a atenção estaria voltada ao exercício de descobrir aquilo que estaria recalçado no paciente, não por meio de uma indução, mas sim da observação das emergências espontâneas, dos sintomas e traços que em dado momento despontavam no paciente analisado. A relação estabelecida é, portanto, de outra natureza.

Por meio da fala, o paciente deixaria escapar indícios, aparentemente ao acaso, daquilo que estaria nas bases de sua recordação. Deste modo, o inconsciente se conectaria numa linha tênue na medida em que os pensamentos e as palavras fossem concatenados e ditos. Sem a guia de um caminho sugerido como ocorre na hipnose, na psicoterapia o procedimento teria como base a livre associação. É o paciente quem formula os indicativos de sua própria vivência. Ao psicanalista caberia o lugar de ouvir atentamente as nuances da fala com o objetivo de captar os escapes, as falhas, e assim interpretar as latências do subconsciente.

Uma das questões observadas na hipnose é que o processo de acesso ao objeto recordado muitas vezes se via impedido por uma espécie de barreira entre o sujeito e o evento traumático. Este aspecto trata-se da *resistência*. Muitas vezes tal interdição levaria o paciente ao abandono do tratamento. Por meio da pontuação das resistências, Freud enfatiza a importância de observar e interpretar as lacunas da fala e aquilo que se mostra como índice de uma resistência velada.

Pois bem, o comparativo entre os métodos se torna, na teoria freudiana, categórico: a catarse, por meio da sugestão, conduziria o sujeito ao objeto

recalcado, numa espécie de trilha traçada e sugestionada, enquanto a observação distanciada da experimentação psicanalítica forneceria condições para que o velado se revelasse de forma espontânea. Neste ponto orbital, a psicanálise seria capaz de observar a liquidez e também a solidez do lembrado possibilitando um tratamento mais efetivo, uma vez que as lacunas seriam observadas de modo consciente por aquele que analisa. Vejamos aqui um indício importante: a psicanálise seria, portanto, capaz de ressignificar a repetição, tornando-a um fator positivo, não mais atrelado à dor do trauma ou do recalque.

Contudo, acrescenta Freud (1969, p. 96), algumas experiências não podem ser recordadas por meio apenas da lembrança¹. Para tais casos, seria necessário o que Freud intitula *encenação* no qual a reprodução se daria não mediante a lembrança, mas por meio de uma atividade em que o paciente repete sem ter ciência de que se trata de uma repetição.

No caso de um tipo especial de vivências muito importantes, que tem lugar nos primórdios da infância e que na época foram vividas sem compreensão, mas depois, a posteriori, encontraram compreensão e interpretação, em geral não é possível despertar a lembrança. Através dos sonhos pode-se chegar a conhecê-las, os motivos mais forçosos do conjunto da neurose* nos obrigam a acreditar nelas, e podemos igualmente nos convencer de que o analisando, após superar suas resistências, não invoca a ausência da sensação de lembrança (sentimento de familiaridade) para se recusar a aceitá-la. Entretanto, esse tema exige tamanha cautela crítica, e traz tanta coisa nova e surpreendente, que eu o reservarei para um tratamento à parte, com material apropriado. (FREUD, 1969, p.164).

O sujeito repete atos, trejeitos, formas ligadas ao acontecimento recalcado, mas não percebe, não se dá conta dessa associação. O neurótico seria um exemplo daquele que sofre pela reminiscência, visto que “padece pela presença do objeto não-lembrado”. (NETO, 2015, p. 34).

¹ Como no caso relatado em *O Homem dos Ratos* (1909) no qual o paciente desenvolveu uma série de comportamentos obsessivos desencadeados com base num relato que ouviu na sua infância.

Já em *Além do princípio do prazer (1920)*², a repetição aparece em uma outra tonalidade, compulsiva, ligada à pulsão de morte³. Neste escrito, Freud desenvolve a teoria dos princípios, acompanhado de uma série de dados clínicos que refutariam a ideia da *predominância do princípio do prazer* como único motor regente da vida psíquica. As experiências não teriam seu motim apenas na busca ilimitada do prazer:

[...] é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. (FREUD, 1976, p. 20).

Aqui o acréscimo reflexivo é postulado de modo que um certo princípio de realidade, ligado ao elemento da morte, também seria responsável pela regência e explicações da condensação da repetição nos comportamentos da memória e do subconsciente. Então, Freud não nega a validade do princípio do prazer. Porém, observa que este não é o único *modus operandi* da repetição.

A pulsão relacionada à morte se conecta com o prazer de forma a adiá-lo ou ainda de suportar certos desprazeres temporários e passageiros em nome de um prazer que virá. Neste quadro, a repetição seria movida e articulada por uma força contrária ao prazer que impele o sujeito a repetir algo que estabelece vínculos com uma experiência dolorosa.

² A temática da repetição aparece em alguns trabalhos anteriores a estes mencionados. Em *Estudos sobre a Histeria (1893- 95/1974)* a se referir ao caso Frau M. Von N., Freud usa o termo “compulsão à repetição”. Porém, optamos por este recorte uma vez que nestes textos a repetição figura claramente como um ato, muitas vezes inconsciente, que ocorre nos mecanismos do *aparelho psíquico*.

³ Trata-se de uma complexa categoria freudiana na qual não detalharemos neste trabalho. É importante compreender que as pulsões são, segundo Freud, impulsos de descarga ligados à vida orgânica, que podem ter sua energia e direção deslocados, movidos e transportados. Especificamente, a *pulsão de morte* consistiria num aglomerado de “afetos sem representação, que ameaçam a estabilidade do aparelho psíquico por sua tendência poderosa que visa ao restabelecimento de um estado anterior de coisas”. (NETO, 2015, p. 42). Uma pulsão com tendências destrutivas.

4 AS REPETIÇÕES DE FREUD E KIERKEGAARD: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Há duas indicações contidas no termo expresso nas línguas que partilham o radical germânico: um sujeito (que repete) e um objeto (que se deseja repetir). Em dinamarquês, *Gjentagelse* pode operar tanto como verbo quanto substantivo (*Gjen* significa “novamente” e o modo substantivado do verbo *at tage* pode significar “tomar”). No alemão, o termo *Wiederholung* é indicativo de um comportamento ativo (recapturar, retomar, recuperar), mas pode também se referir a um evento (recuperado, retomado).

Desse modo, o uso do termo repetição nos idiomas de sintaxe germânica deixa mais evidente a dupla acepção da palavra, tomada e evento, bem como dispõe de forma mais clara da ideia de que repetição implica apoderação, ação por parte do sujeito em relação ao objeto⁴.

Como um re-peticionar, Kierkegaard usa o termo *Gjentagelse* a partir de uma noção de “tomar posse”, com o sentido de “pegar ou tomar novamente”. Tal deslocamento é fundamental para acompanharmos que a noção kierkegaardiana de repetição implica na atividade como condição importante que possibilita um movimento interior do ser humano sobre o tempo e a existência. Freud, ao se referir a repetição, também sublinha que o radical do termo indica que há uma ação de “repetir”, ou seja, um sujeito que se posiciona diante do objeto que se repete, seja tal posicionamento de modo consciente ou não. Repetição, para ambos, é uma ação que envolve sujeito e objeto.

O jovem apaixonado, na trama kierkegaardiana, encontra em Constantin um “silencioso confidente” e lhe tem como uma espécie de mentor psíquico. De espírito melancólico e poético, o jovem anônimo é descrito como dono de belo aspecto e portador de certa insegurança típica da puberdade. Inquieto, de temperamento volátil, ao ver-se apaixonado, passa a delirar, como se estivesse fora de si.

Desatinado e confuso, ele busca amparo e orientação em Constantin Constantius. Sua proximidade e experiência com a repetição está intimamente ligada à sua veia poética e disposição sensual. A melancolia o fazia paralisar e

⁴ *Wiederholung* do verbo *holen* (pegar ou tomar) e do advérbio *wieder* (novamente).

sucumbir num estado de imobilidade efetiva. Perdido em si mesmo, nos desesperos ocasionados pela falta de respostas satisfatórias, o jovem não consegue se manter atento, acompanhar os próprios sentimentos e se decidir frente à problemática do casamento. Seus estímulos o levam a um delírio descontrolado e parece que a qualquer momento da narrativa ele irá sucumbir, explodir dentro de si mesmo. (KIERKEGAARD, 2009, p. 138).

Os destemperos excessivos de seus sentimentos não permitem que uma certa repetição ocorra e com isso o jovem não é capaz de realinhar passados, presentes e futuros, de modo a repetir e encontrar algum sentido existencial. Ou seja, ele não consegue efetuar um movimento de temporalização próprio para que perspectivas e rumos possíveis sejam visualizados e apreendidos no tempo. As possibilidades o paralisam ao invés de impelir à ação. Sem forças para buscar a repetição, o jovem espera que algo de sobrenatural ocorra, como uma “tempestade” que o tire do sofrimento. As energias do jovem se dissipam em meio ao caos do desespero. Este é precisamente um dos aspectos que contribui para que a repetição não ocorra no jovem: ele espera que ela venha até ele.

A semelhança da descrição do jovem apaixonado e as intempéries de um paciente perturbado pelo engulho das repetições na teoria freudiana não passam despercebidas aos olhos. Assim como aquele que não consegue controlar os impulsos, sejam eles de prazer ou desprazer, o jovem apaixonado se desespera ao avistar em sua própria existência a paralisia causada pela falta de sentido e a incapacidade de se resolver frente aos seus dilemas pessoais. As desventuras do jovem apontam, de modo cômico, para a ideia da repetição como fator que, ao invés de impulsionar, faz com que o jovem se encontre adormecido diante de si mesmo. Vemos aqui um dos elementos da construção irônica de Kierkegaard: o leitor se depara com vários modos errôneos, desconcertados da repetição.

Como mencionado anteriormente, o aspecto da *repetição como movimento* está atrelado ao complemento de que é este um *movimento existencial, subjetivo* (mas não independente). Nesta tomada, a recordação é a primeira categoria que Constantin afirma ser inversa à repetição. Estes dois movimentos, repetição e recordação, estariam ainda ligados à questão da felicidade temporal do indivíduo e é este ponto, da busca por um amor feliz, que se torna central no vínculo conselheiro de Constantin para com o jovem. Constantin admoesta que o sofrimento, tanto do jovem quando da amada, só

acabaria quando o jovem fosse capaz de alcançar uma elasticidade própria do sedutor que permitiria ao amor voltar ao lugar de repouso: a recordação feliz.

Constantin prossegue acrescentando que a melancolia do jovem era ruim e insuficiente, pois não era capaz de acumular forças. Um plano então é proposto ao jovem por Constantin: que ele assumisse uma postura forte e inflexível diante da amada, cortando pela raiz toda esperança de enlaçamento e correspondência do amor. Assim sendo, tudo voltaria a ser como antes e o jovem não mais estaria aflito, pois gozaria do amor na lembrança recordada. Ainda que apareça atrelada à felicidade, cabe lembrar, o plano de rompimento proposto por Constantin e sua concepção de amor são manchados por aspectos estéticos e, portanto, se relacionam de modo equivocado com a repetição e com o próprio amor, em uma acepção existencial, de vínculo com o próximo, que carece de certa interioridade.

Constantin sabe que repetição requer um movimento, contudo, ele não é capaz de se mobilizar a partir de uma interioridade própria de uma experiência no tempo e no instante. Ele busca, se mobiliza, mas espera que o sentido majoritário da repetição caia sobre seu colo, por assim dizer, ou que lhe seja mostrado claramente.

Por “recordação feliz do amor”, Constantin tem em mente o plano da sedução capaz de fazer com que o jovem retome a si mesmo a partir de um rompimento brusco com a amada e ainda recolha o amor ao lugar de um lembrado, destituído de realidade. Para o conselheiro, seria este o plano perfeito, pois não só acabaria com o sofrimento real do jovem como transformaria o amor em uma felicidade cristalizada, apenas lembrada. O plano de Constantin é, desse modo, fazer com que o jovem fuja do imbróglio de seus questionamentos a partir de um rompimento artificial com a realidade e com os dissabores que a situação com a amada lhe causava.

A recordação aparece como própria a um arquétipo do indivíduo que salta da vida e se refugia na recordação. Como se fosse possível, o indivíduo que recorda busca a felicidade e amor no que julga estar cristalizado na recordação ou em algum outro lugar, negando dessa forma os desconfortos de uma mutabilidade própria da vida. Nesse sentido, a felicidade do amor se realiza na lembrança, na poética, se abstendo da realidade em termos efetivos. Ironicamente, o amor que recorda apresenta vantagem. “A recordação tem a

grande vantagem de começar com a perda; por isso é mais segura, já que nada tem a perder”. (KIERKEGAARD, 2009, p. 36).

Freud, de sua parte, anuncia que a recordação pode ocupar um espaço de certa ilusão plástica, tornando-se um local de refúgio, armazenamento de memórias e episódios traumáticos que conseqüentemente têm seu reflexo nas ações do sujeito. (FREUD, 1969, p. 174).

Repetição e recordação, desta forma, são tidas como movimentos similares, porém com vetores contrários. Enquanto a repetição estaria voltada para frente, a recordação teria seu direcionamento para trás. Repetição e recordação são o mesmo movimento, apenas em direções opostas: aquilo que se recorda, foi, pois repete-se para trás; enquanto a repetição propriamente dita é recordada para frente”. (KIERKEGAARD, 2009, p. 32).

Ainda que análogas, repetição e recordação possuem orientações diferentes. Tanto em Freud quanto em Kierkegaard a repetição pode ou não se constituir como aspecto capaz de construir e ressignificar sentidos e experiências. O conceito “*durcharbeiten*”, desenvolvido por Freud e traduzido como “elaborar”, “reelaborar”, trata exatamente do ponto de transformação possível de ser alcançado por meio de um trabalho árduo e intensivo relativo à resistência que se mostra como barreira, objeção e empecilho. É por meio deste labor que o paciente se vê apto a reestruturar a constelação de experiências e significados dentro de si mesmo.

A ideia de repetição e recordação em ambos os pensadores aparece, portanto, como um movimento (*kinésis*) que implica, cada qual a seu modo, uma movimentação interior por parte do indivíduo que, nas condições de paciente, age e transverte o extrato de suas experiências.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por um resgate do perdido, tal qual se deu, tem sua insuficiência no distanciamento, na impossibilidade de um alcance do passado e daquilo que transcorreu no tempo. Esta negatividade, da busca enfática por um “paraíso perdido”, faz com que o indivíduo desenvolva uma disposição melancólica. Contudo, cabe a esta altura salientar que uma dialética da repetição se relaciona com a recordação. Aquilo que devém se relaciona com o que deveio, mas não é

esta fórmula a da necessidade. O problema está colocado em uma recordação incapaz de reconhecer o distanciamento transcorrido entre o objeto lembrado e a tomada do mesmo. A repetição é capaz de executar uma atualização que a recordação por si só não é, já que esta última pretende se relacionar com o passado de modo a querer retomá-lo como tal.

Recapitulemos os pontos-chave da teoria freudiana, a saber o princípio da realidade e o princípio do prazer. Responsável pela conservação dos níveis de excitação, o primeiro estaria vinculado a manutenção de constâncias capazes de estabelecer relações de prazer que satisfaçam o aparelho psíquico. Como mecanismo que tende à estabilidade, o princípio do prazer por vezes se vê confrontado com algo que impede ou adia momentaneamente o alcance do gozo. Neste confronto, o princípio do prazer se vê ameaçado como modo único do funcionamento psíquico. Do encontro com as dificuldades responsáveis pelo adiamento do prazer, o princípio de realidade se impõe como *modus operandi* que justifica o adiamento momentâneo do gozo, sem com isso anulá-lo.

Na reminiscência do lembrar, segundo Kierkegaard, uma ilusão ainda é conservada quanto à repetição do lembrado, se tomarmos a questão por um viés estético. Querer acessar o objeto que se quer repetir, como se este estivesse intacto, é não admitir ou lidar com a assertiva de que a passagem do tempo implica perda, e desaparecimento efetivo de certa dimensão do vivido. É exatamente isto que está sinalizado no conceito freudiano de *resistência*.

Aliás, a busca por uma repetição nesse molde é o que torna Constantin Constantius um personagem tragicômico. Ainda que pareça conceber a verdadeira repetição como movimento de avanço, seu experimento e busca são no sentido de uma experiência estética da repetição e, por isso, suas expectativas são frustradas. O esteta acredita ser capaz de parar o tempo.

A busca pelo edílico da recordação esvazia o presente de significado de modo que este se torna incapaz de estabelecer qualquer relação positiva com passados e futuros. É curioso observar que Constantin aproxima as insuficiências da recordação com às da esperança. Ambas estariam conectadas ao desejo de uma repetição ingênua, impossível em sua tentativa de tomar de novo, tal qual anteriormente. Assim como a recordação, a esperança objetiva fazer sua síntese a partir de elementos sempre ausentes do presente, de modo que a ênfase também recai de modo negativo sobre aquilo que está perdido.

Recordação como movimento para o passado e esperança como movimento para um futuro não são por si só elementos felizes ou infelizes, mas suas colocações dentro da repetição podem conduzir a um desses estados. A consideração é a de que tais movimentos, isolados, podem ser vistos como “lugares bucólicos”, perfeitos em sua irrealidade efetiva.

Tal é o invólucro do histórico que reproduz em seus sonhos, repetidas e incontáveis vezes, o caminho motor da vivência traumática. (FREUD, 1969, p. 126). Seguindo as afirmativas de Breuer, Freud afirma serem as quimeras do sonho uma forma de reafirmação inconsciente das fixações traumáticas. Ora, os sonhos teriam, deste modo, por característica e marca central a emergência de reminiscências que replicam, remontam e reiteram de modo fixo a situação que desencadeou o trauma.

Se não dispuserem do elemento da atualidade da presença e do presente, repetição e recordação podem se mostrar como infelicidades, ainda que revestidas do contrário. Assim como há gestos de repetição distintos com implicações diversas, especialmente no que concerne ao tempo, assim também gestos de recordação e esperança diferentes implicam em tomadas distintas no que diz respeito à temporalidade. Tanto um excesso de recordação pode ser problemático quanto uma medida demasiada de esperança também pode ser prejudicial para a realização de uma repetição efetiva, que movimenta, inaugura e retém.

A esperança é um vestuário novo, rígido e justo e brilhante, porém nunca o envergamos e, portanto, não se sabe como assentará ou como se ajustará. A recordação é um vestuário usado que, por mais belo que seja, não serve, porque não se cabe nele. A repetição é um vestuário inalterável que assenta firme e delicadamente, não aperta nem flutua. (KIERKEGAARD, 2009, p. 32).

A respeito das linhas limítrofes entre prazer e desprazer, Freud afirma ser a maior parte do desprazer uma sinalização de frustração das expectativas que, não sendo realizadas, anunciam ao aparelho psíquico uma espécie de “perigo” ou cisão que coloca em risco o objetivo do prazer. Nas palavras de Constantin Constantius, o homem esperançoso, descomedido, assim como o saudosista, não é capaz de reter aquilo que é próprio da experiência existencial: a saber um certo vazio, o doloroso sinalizado no transcorrer do tempo. Poderíamos ainda

pensar esperança e recordação como elementos. Todavia, não há de fato perspectiva do futuro quando se toma o presente apenas como recordação, porque o futuro já foi desse modo vivido, determinado. Recordar em demasia, assim como nutrir expectativas situadas sempre no futuro implicam comportamentos que alheiam o ser humano daquilo que é fundamental para vivência da repetição no instante.

Nesse sentido, o ser humano não mantém vínculo com “qualquer contemporaneidade à qual se possa ligar” e isso é fundamental para um envolvimento necessário à repetição no instante. Cabe visualizar que recordação e esperança não são elementos opacos que devem ser descartados. Ambos são importantes e se relacionam no interior de uma repetição capaz de instaurar sentidos no tempo. Contudo, ambos os aspectos devem estar abertos a um certo vazio próprio da incerteza das possibilidades, caso contrário acabam por se tornar quimeras contra o tempo. Assim, tanto o excesso de esperança quanto o de recordação, como apontado por Kierkegaard, podem ocasionar uma tomada imprópria ou inadequada do tempo e da existência, ao passo que Freud aponta para o comportamento fluido e maleável da lembrança, o lembrado.

A repetição que busca cristalizar o objeto a que se refere pode denotar uma intenção de fuga do sujeito que busca alguma forma de se abster da multiplicidade do real. Para um certo comportamento esteta, a recordação é o laboratório perfeito. O anseio da apreensão da “alegria do gozo” faz com que o esteta não seja capaz de construir-se no tempo, aliás é esse o seu grande pavor. Seu objetivo é viver de possibilidade até a última gota.

O esteta se relaciona com a recordação de modo cristalizado, pois acredita poder repetir apenas o agradável, o gozo do momentâneo. Ele se esquece (ou sabe e busca se desviar) daquilo que é próprio do decorrer do tempo: a dissolução da realidade. Para Kierkegaard, uma relação do indivíduo com a verdade de si mesmo não está dada. É preciso estabelecê-la a partir de uma abertura para o mundo, para a dimensão do desconhecido que se apresenta. A relação com a verdade é uma caminhada que implica decisão e risco. O indivíduo esteta não é capaz de se decidir sobre a realidade, apropriando-se dela em sua total inteireza, pois a relação que mantém consigo mesmo é a da busca ilimitada pela realização do prazer. Nesse sentido, tanto Kierkegaard quanto Freud sinalizam que a relação com o objeto da lembrança

está para ser construída e pode se efetivar de variadas formas conservando mais ou menos ilusão, mais ou menos doses de constância e esquecimento.

O tom jocoso da paródia de Constantin está anunciado no fato de que este joga para o exterior aquilo que deveria partir do interior, já que busca na materialidade a repetição que deveria partir da interioridade. É movimento interno que se externaliza, expressa. Este é o ponto central da teoria freudiana. Vemos aqui mais um ponto coincidente entre o pensamento do autor dinamarquês e a teoria freudiana. Há uma relação previamente estabelecida entre aquele que lembra e o objeto lembrado, de modo que o último causa oscilações e tremores na estrutura consciente do sujeito. Freud, no relato sobre a criança que jogava longe o brinquedo e voltava buscá-lo, acentua o aspecto inversivo da passividade em atividade que transforma o desprazer por meio de um impulso de empoderamento. (FREUD, 1969, p. 129). Ao elaborar a ausência da mãe de forma ativa, a criança se relaciona com a repetição de modo a extrair desta alguma ordem de prazer e controle direto.

A experiência do jovem, por sua vez, mostra que uma repetição “própria”, enquanto um movimento da alma, se realiza primeiramente no reino do espírito, naquele indivíduo em que a ideia se põe em movimento. É também por meio do jovem personagem que um acréscimo é assinalado: a repetição “própria” carece de decisão, nasce no interior, mas deve se externalizar e relacionar com a realidade de algum modo.

É dessa maneira, refletindo sobre a repetição e recordação que, ao seu modo, tanto Kierkegaard quanto depois Freud podem repetir uma fórmula de sucesso: a de pensar um grande conceito psicanalítico, o qual, de resto se repetiria mais adiante no pensamento da clínica lacaniana. No entanto, seguir o rastro desta discussão aqui nos levaria longe demais, para além dos nossos objetivos, portanto.

Se não podemos ir tão longe, cabe, no entanto, recordar, repetir e elaborar Kierkegaard e Freud, aproximando-os em um diálogo que nunca ocorreu, mas que gostaríamos que acontecesse. Na impossibilidade de tal diálogo na prática, nos é permitido, para além da nossa experiência mental de aproximação de conceitos, endossar hipóteses ao repetir o clichê: recordar é viver. E aqui, talvez pudéssemos acrescentar após Kierkegaard e Freud: repetir também é!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Kierkegaard: construção do estético.** (A.Valls trad.) São Paulo: Editora UNESP, 2010
- ALMEIDA, L.P de; & ATALLAH, R. F. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, p. 203- 218, 2008
- BRENTANO, F. **Psychology from an empirical standpoint.** New York: Routledge, 1995.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: **S. Freud**, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad.) Rio de Janeiro: Imago, vol 12, p. 161- 171, 1969
- FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: **S. Freud**, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad.) Rio de Janeiro: Imago, vol 18, p. 13- 75, 1969
- GREEN, A. Compulsão à repetição e o princípio o prazer. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. 41, n.4, p. 133-141, 2007
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compendio:** (1830). São Paulo: Edições Loyola, 1995
- JUSTO, J. M. Introdução *in* **A Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- KIERKEGAARD, S. **A Repetição.** (J.M. Justo trad.) Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009
- LACAN, J. **O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- NETO, E. B. **A repetição na psicanálise e suas repercussões clínicas com o aporte teórico do conceito de repetição em Kierkegaard.** Recife, 2015
- NORDENTOFT, Kresten. **Kierkegaard's Psychology.** Tradução de Bruce H. Kirmmse. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1978.
- PROTASIO, M.M. A psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras. **Revista da Abordagem Gestática- Phenomenological Studies-**, XX(2), jul- dez, 2014.
- RONA, P.M. Os paradoxos da repetição. **Revista Stylus**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 151- 155, 2015

DADOS DOS AUTORES

Jean dos Santos Vargas

Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021). Possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015) e bacharelado em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Possui também licenciatura em filosofia pela faculdade Claretiano (2019). É psicanalista, membro do fórum lacaniano de Belo Horizonte. É editor da revista de pós-graduação em filosofia Outramargem, vinculada ao departamento de filosofia da UFMG. Atualmente escreve contos literários. Interessa-se pelos seguintes autores: Byung-Chul Han, Lacan e Kierkegaard. É autor do livro: *Indivíduo singular e Multidão: alguém e além da ética na filosofia de Søren Kierkegaard*. Suas principais áreas de pesquisa são: filosofia do direito, filosofia da religião, filosofia da educação, filosofia da tecnologia e psicanálise. **E-mail:** jean_sv07@hotmail.com.

Talita Leal Santos

Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, desenvolve o projeto: *Tempo, repetição e amor: Kierkegaard e a história*. Tem experiência na área de Filosofia da Existência e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: temporalidade, existência, filosofia dinamarquesa no século XIX e romantismo alemão. **E-mail:** talita.leals@hotmail.com